

Bruxas, velhice e morte: O medo da finitude nos contos de fadas¹



*Fernanda Vilalba Conceição
Ruth Gelehrter da Costa Lopes*

Introdução

A temporalidade é algo passível de ser vivido a partir de diferentes dimensões, demonstrando o emaranhado no qual se configuram as noções que se tem de tempo. A experiência temporal abrange diferentes perspectivas, tais como, a dimensão ecológica, responsável por regular o comportamento humano através do ritmo do mundo natural, que por sua vez pode determinar as atividades de subsistência humana; a dimensão individual, mediada pela subjetividade do ser e referente aos eventos de ordem biopsicossocial; a dimensão social, constituída pelos múltiplos esquemas individuais de tempo sintetizado, servindo como referencial para a sincronização das temporalidades individuais e para a determinação dos ritmos sociais; e a dimensão ideacional, a qual tem a cultura e suas produções, como mitos e tradições, dimensionadores do tempo (NERI, 1991).

Em plena era narcísica, em que o culto a própria imagem é tema veiculado nos meios de comunicação de massa através de receitas milagrosas

¹ Imagem reproduzida de <http://www.consciencia.org/joao-e-maria-contos-de-feiticeiras-e-bruxas-mas>

rejuvenescedoras, ou então a partir da venda do ideal de que velhice bem vivida é aquela que se assemelha aos padrões valorizados pela juventude contemporânea, é perceptível que na cultura ocidental há padrões que categorizam e qualificam o que é ser idoso no século XXI. As grandes mídias, por exemplo, nos mostram atores e modelos com mais de 60 anos vivendo rotinas ativas e saudáveis, peles sem rugas e um ideal de beleza caracterizado pela juventude.

Curiosamente, materiais mais antigos, datados de dois séculos, como os contos de fadas dos Irmãos Grimm publicados em 1812 no livro *Kinder-und Hausmärchen* (Contos infantis e do Lar), trazem histórias em que conhecidas figuras antagonicas são representadas como velhas, sendo estas amarguradas e vingativas, enquanto princesas permanecem jovens mesmo após 100 anos de sono profundo. Selecionou-se três contos e a análise das personagens das bruxas em João e Maria, A Bela Adormecida e Branca de Neve permitiu, por meio de suas caracterizações físicas e subjetivas, o questionamento sobre a rejeição ao idoso, que não se encontra no padrão de beleza contemporâneo, estar vinculado a algo mais antigo, isto é, a rejeição à ideia da própria morte, visto que a velhice simboliza a última etapa da vida do homem (MESSY, 1993).

Desenvolvimento

Envelhecer é um processo comum a todo ser que se inscreve no tempo. Todo indivíduo que nasce e sobrevive também envelhece, durante o processo em que se desenvolve até atingir a velhice, a qual finda com a morte (MESSY, 1993). Logo, o envelhecimento é vivido por todo e qualquer ser humano e não apenas caracteriza os que já são velhos, pois é um processo temporal do indivíduo. A velhice, porém, é a idade avançada, um estado que caracteriza a posição do idoso.

Messy levanta a questão de que atualmente há uma confusão entre os termos, já que a palavra “envelhecer” é utilizada predominantemente em situações restritivas em que substitui a palavra “velhice”. Esta confusão semântica faz com que achemos que apenas envelhece quem é velho e desse nos diferenciamos, sendo ele sempre o outro e nunca si próprio.

Dessa forma, ser velho é caracterizado muito mais a partir de valores externos ao sujeito do que propriamente subjetivos, visto que é a imagem do corpo da pessoa que a definirá ou não como velha em uma sociedade e não a forma como ela se sente. Os cabelos brancos, a calvície, a coluna curvada, as rugas, os reflexos mais lentos, o aumento das cartilagens e a perda dos dentes são exemplos de características atribuídas à pessoa com idade. Ressalta-se, porém, que uma pessoa pode ter tal aparência sem ser socialmente velha, assim como é possível ter uma idade avançada e não aparentar fisicamente os anos vividos, principalmente nos dias de hoje com a sofisticação dos procedimentos estéticos, que proporcionam ferramentas de satisfação narcísica e prometem a juventude eterna.

Em uma referência a Balier (1925–2013), psiquiatra geriátrico e psicanalista francês, Messy (1993), em *A pessoa Idosa não existe*, ressalta que a

concepção de belo se distancia da imagem de velho, e a velhice quando descrita esteticamente é portadora de imagens negativas e repulsivas, permanecendo em meio a tendências destrutivas e narcísicas. Dessa forma, o narcisismo infantil evidencia-se no encantamento da criança pela sua unidade corpórea, ao tempo em que o adulto se desespera ao notar o avanço dos anos e ver seu corpo fragilizado e finito.

Em “O Mal-Estar na Civilização”, Sigmund Freud (1974) descreve as três maiores fontes de desprazer do ser humano: a natureza, o próprio corpo e o outro. Mesmo com o avanço da medicina, responsável por dificultar o adoecimento do homem, o corpo ainda é responsável pelo seu sofrimento, pois demarca sua finitude através de seu funcionamento e “manutenção”. Independentemente dos avanços ou descobertas que possibilitaram o homem permanecer saudável e visualmente jovem durante a velhice, o corpo é uma máquina que hora ou outra será naturalmente desligada.

A morte é algo que nem sempre causa medo, porém, não é pela ausência deste que deixa de ser angustiante. A angústia da morte relaciona-se com o fato da mesma ser uma surpresa, de forma que ver-se velho significa identificar-se nos traços representativos da velhice, tornando estreita a relação entre idade avançada e morrer, pois uma é anúncio da outra. A velhice é intolerável segundo Messy (1993), porque entre o processo do envelhecimento e o morrer situa-se o sofrimento, o qual intensifica o medo da morte e exprime, até mesmo, o medo do desconhecido.

A relação entre a morte e as bruxas está presente na história desde a época da Santa Inquisição, na Idade Média. Este período foi marcado pela condenação de inúmeras pessoas acusadas pela Igreja Católica de cometer atos hereges, sendo grande parte mulheres vinculadas à bruxaria e que acabaram por serem perseguidas, torturadas e queimadas em praça pública.

Assim, a imagem da bruxa foi mudando no decorrer dos anos, conforme os valores culturais e históricos, porém ganhou no imaginário coletivo, espaço para ser representada como algo ruim, punido com a morte, algo irreversível. Entretanto, o ideal imagético nos contos de fadas clássicos não se assemelha à figura da bruxa representada tanto nos filmes, quanto na literatura do século XXI.

De fato, personagens bruxas foram criadas e caracterizadas como boas, como o exemplo clássico do menino-bruxo Harry Potter (1997), de J.K. Rowling, o qual além de ser representado como herói, é também jovem e homem, indo totalmente contra a imagem da bruxa clássica. Todavia, mesmo com as configurações e características modernas desse segmento de personagem, segundo Jacoby (2009), a principal imagem ainda corresponde, em maioria, à representação mais antiga, baseada nas narrativas populares que alimentavam o temor e a fantasia humana.

Almeida, Canete e Bomtempo (2005) realizaram uma pesquisa com o objetivo de identificar os significados atribuídos à figura da bruxa, procurando a

existência de variedades entre as representações das bruxas descritas pelas crianças dos dias de hoje e à imagem da bruxa tradicional. A investigação mostrou que 10 de 14 das crianças em idade pré-escolar que auxiliaram na pesquisa, imaginaram e representaram a bruxa com uma aparência feia. Esta aparência ao ser descrita mostrou que as figuras antagonistas praticantes de bruxaria descritas pelas crianças, eram também caracterizadas nos contos populares como mulheres em intermináveis batalhas contra o bem, verdadeiras encarnações do mal, sendo velhas e decrépitas, feias, corcundas, zarolhas, com mãos curvadas, grandes narizes e orelhas.

Metodologia – As três bruxas

A obra *Kinder-und Hausmärchen* (1812), dos *Irmãos Grimm*, foi composta por contos coletados e conta com mais de um volume e uma edição, sendo que a versão definitiva foi lançada em 1859. Dos 200 contos foram selecionados três, sendo João e Maria, A Bela Adormecida e Branca de Neve, pertencentes ao primeiro volume.

A bruxa canibal

João e Maria é o nome do décimo quinto conto da obra dos Grimm e narra a história de dois irmãos que são abandonados numa floresta pelo pai, um lenhador, e pela madrasta má. A família vivia em uma pobre cabana às margens de uma mata, onde passavam por dificuldades a ponto de não haver comida para todos, e o desesperado pai é convencido pela esposa cruel a abandonar as crianças na floresta.

A primeira tentativa foi frustrada, já que João e Maria regressaram à casa após o garoto demarcar o caminho com pedrinhas brilhantes. Já na segunda tentativa João utilizou migalhas de um pão velho para se guiar de volta ao lar, porém, os pássaros acabaram comendo a demarcação. As crianças andaram durante dias pela mata em busca do caminho de volta, mas nada encontraram, a não ser, após muito andar, uma casinha feita de pão e doces. Esfomeados, João e Maria devoraram a residência sem cerimônias, porém não sabiam que a mesma pertencia a uma bruxa.

No livro *Contos de Fadas, uma apresentação de Ana Maria Machado* (2010), a bruxa entra em cena da seguinte forma: “De repente a porta se abriu e uma mulher velha como Matusalém, apoiada numa muleta, saiu coxeando da casa. João e Maria ficaram tão apavorados que deixaram cair tudo que tinham nas mãos” (MACHADO, 2010, p. 89).

A velha apresenta-se como inocente e bondosa, oferecendo um banquete e hospedagem às crianças, todavia, tudo fazia parte de um plano para engordá-las e depois fazê-las de refeição. Ainda no mesmo parágrafo outra descrição é feita. Esta, no entanto, abrange as descrições das bruxas como algo semelhante a todas dentro dessa categoria e não apenas descreve a velha da casa comestível: “As bruxas têm olhos vermelhos e não conseguem enxergar muito longe, mas, como os animais, têm um olfato muito apurado e sempre sabem quando há um ser humano por perto” (MACHADO, 2010, p. 89).

No decorrer da narrativa os irmãos passaram a ser torturados pela bruxa, sendo João preso e excessivamente alimentado e Maria servindo à velha. Toda manhã o garoto era obrigado a mostrar seu dedo para a bruxa verificar se ele havia engordado, mas, como ela não enxergava muito bem, acabou por ser enganada pelo garoto, que lhe dava um osso de galinha para apalpar. João e Maria conseguiram ao final da aventura escapar da morte, pegar os tesouros da bruxa, que termina cozida, e voltar para casa, onde o pai encontrava-se arrependido e sozinho, visto que a madrasta havia morrido de fome.

A feiticeira vingativa

O quinquagésimo conto da obra dos Irmãos Grimm recebeu o nome de *A Bela Adormecida*. A narrativa conta a história de um casal de reis que ao terem uma filha fazem uma festa para comemorar. No entanto, das 13 feiticeiras que havia no reino, deixaram de convidar uma, pois só possuíam doze pratos de ouro.

Durante a cerimônia, as doze feiticeiras, em ordem, magicamente agraciaram a menina com bondade, beleza e outros valores quando, na vez da décima primeira feiticeira desejar-lhe votos, a vingativa e excluída feiticeira rogou um feitiço na princesa, o qual proferia que aos 15 anos, após espetar seu dedo em uma roca de fiar, morreria. Felizmente, a última feiticeira convidada ainda não havia concedido um presente à pequena princesa, mas como não podia retirar a maldição redefiniu-a dizendo que ao invés de morrer, a jovem apenas dormiria por 100 anos.

E dessa forma ocorreu: a princesa cresceu esplendorosa em sua juventude e todos a amavam, quando em seu décimo quinto aniversário seus pais viajaram e a deixaram no castelo, o qual foi explorado minuciosamente pela mesma. Encontrou uma torre e nela um quatinho trancado, e, ao adentrá-lo, deparou-se com uma velha fiando na única roca do reino, visto que o rei mandara queimar todas outras a fim de retardar a maldição, e era então a feiticeira disfarçada. A princesa teve seu dedo furado e dormiu por 100 longos anos sem que ninguém conseguisse adentrar o castelo, pois este fora cercado pela bruxa com uma floresta de espinhos.

Após o tempo amaldiçoado passar, chegou o dia de seu despertar e um príncipe, por coincidência, decidiu salvá-la de seu sono quase eterno. Chegando ao reino, ele passou sem dificuldades pela antiga floresta já recoberta por flores, viu todos os seres dormindo, subiu a torre e deparou-se com a moça: “Lá estava a princesa deitada, tão bonita que ele não conseguia tirar os olhos dela. Então, curvou-se e beijou-a” (MACHADO, 2010, p.67). A donzela despertou e viveram felizes para sempre.

A Rainha invejosa

Branca de Neve é um dos mais conhecidos contos dos Irmãos Grimm, sendo o quinquagésimo terceiro publicado no primeiro volume de *Kinder-und Hausmärchen* (1812). A história tem início com a morte de uma bela rainha ao parir uma linda criança: “[...] branca como a neve, vermelha como o sangue e negra como o ébano” (MACHADO, 2010, p.69).

Com a morte da esposa, o pai de Branca de Neve casa-se com uma mulher muito bela, vaidosa e arrogante. Ano após ano, a nova rainha questionava ao seu espelho mágico quem era a mais bela do reino. O espelho, que não dizia mentiras, respondia que era ela.

Contudo, Branca de Neve cresceu e transformou-se na mais bela jovem já vista e a resposta do espelho mudou subitamente, fazendo com que a rainha tivesse um acesso de raiva e planejasse a morte da enteada. Mandou um caçador matá-la e trazer-lhe suas vísceras, porém o homem com dó da bela moça deixou-a fugir e levou à malvada rainha órgãos de um animal da floresta, os quais a rainha ordenou que fossem preparados antes de devorá-los, achando que pertenciam à Branca de Neve.

A jovem escondeu-se na residência de sete anões, os quais a receberam após combinarem que ela moraria ali se cuidasse do lar. O tempo passou até que a rainha resolveu perguntar novamente ao espelho quem era a mais bela, surpreendendo-a ao revelar o paradeiro da princesa foragida. Enraivecida, “pintou o rosto e vestiu-se como uma velha vendedora ambulante, tornando-se completamente irreconhecível” (MACHADO, 2010, p.72). Quando chegou à casa dos anões, encontrou Branca de Neve sozinha, que foi enganada pela aparente velha, quem lhe vendeu um cadarço de seda colorido com o qual apertou o espartilho da jovem até tirar-lhe todo o ar, caindo aparentemente morta.

Satisfeita, a rainha voltou e perguntou a seu espelho quem era a mais bonita, e este novamente respondeu que era Branca de Neve e não ela. Durante o regresso da madrasta ao castelo, os anões chegaram a casa e se depararam com a garota estendida no chão, e soltaram o espartilho sufocante. Desconfiados de que a velha era na verdade a invejosa rainha, os anões advertiram Branca de Neve e explicaram que não deveria receber ninguém na casa. Mas a bela e inocente jovem caiu em uma segunda armadilha da rainha: “Usando toda a bruxaria que conhecia, fabricou um pente envenenado. Depois trocou de roupa e se disfarçou de velha mais uma vez” (MACHADO, 2010, p.73).

Novamente os anões chegaram e salvaram a princesa, enquanto que a madrasta ficava com cada vez mais raiva e inveja de sua enteada. Conhecedora de bruxarias, dessa vez planejou algo mais maléfico e mortal: “Foi para uma câmara secreta [...] e confeccionou uma maçã cheia de veneno. Do lado de fora, era bonita [...]. Mas quem lhe desse a menor das mordidas, morreria” (MACHADO, 2010, p.74). Disfarçou-se dessa vez como uma camponesa e Branca de Neve, encantada pela aparência saborosa da maçã, comeu-a, caindo morta. Dessa vez os anões não foram capazes de salvar a garota, e ao invés de enterrá-la fabricaram um caixão de vidro e levaram-na para o alto das montanhas, onde ficaram em luto com outros animais para chorar sua morte. A rainha encontrava-se radiante com sua vitória, até que um príncipe encontrou os anões e a bela jovem morta, cujo corpo não se decompôs e permaneceu estonteantemente bonito.

O príncipe pediu aos anões que a lhe entregassem, pois se dedicaria a Branca de Neve como sua amada. Ao entregarem o caixão aos criados do príncipe, um destes tropeçou e o pedaço de maçã na garganta da princesa se desprende fazendo com que a mesma despertasse do longo sono. Os jovens se casaram e convidaram todos à festa, inclusive a madrasta perversa, que foi condenada a dançar com sapatos de ferro até a morte por exaustão.

Resultados – As semelhanças entre os protagonistas e as antagonistas

Os três contos dos irmãos Grimm apresentam como antagonistas a imagem da bruxa de formas diferentes. Em “João e Maria”, a bruxa que castiga as crianças é velha e quase cega, enquanto que em “A Bela Adormecida” e “Branca de Neve” as vilãs se utilizam de conhecimentos ocultos sobre magia, e aparecem como velhas para fazer o mal às princesas.

Contraopondo a maldade caracterizada pela imagem senil, todas as protagonistas são jovens e tal característica é ressaltada em todos os contos. Nota-se também que as duas princesas dos dois últimos contos descritos são símbolos representantes da bondade e da beleza, permanecendo jovens mesmo durante um prolongado sono e uma morte. A eterna juventude marca, então, um ideal de “ser” nessas antigas histórias.

Discussão – A representação das bruxas

A partir das análises realizadas da pesquisa do imaginário da criança sobre a imagem da bruxa, assim como das características de tais personagens nos contos dos irmãos Grimm e da concepção que se tem na literatura psicanalítica sobre o processo de envelhecimento e o que é velhice, foi possível identificar que as diferentes temáticas convergem a um mesmo ponto.

As autoras Almeida, Canete e Bomtempo (2005) em “O papel da bruxa no imaginário infantil” concluíram que as crianças do século XXI, mesmo expostas aos tecnológicos estímulos existentes, como o computador e a televisão, ainda têm como principais características da figura e subjetividade da bruxa os traços também descritos nas antigas narrativas, como foi possível observar na análise de contos de dois séculos coletados e publicados por Jacob e *Wilhelm Grimm*.

As bruxas de “João e Maria”, “A Bela Adormecida” e “A Branca de Neve” trazem características físicas de pessoas em idades avançadas, sendo a antagonista do conto dos pequenos irmãos a mais caricata em sua descrição. De fato, todas se assemelham justamente por serem bruxas, já que praticam feitiçarias, e por serem perversas, atributo subjetivo de maior importância nessas personagens.

Tal maldade é convertida em feiura nos contos, sendo esta representada pela aparência e concepção estereotipada da velhice. Tanto as bruxas do imaginário infantil quanto as personagens dos Grimm são, mesmo que disfarçadas, velhas aterrorizantes e mentirosas.

Atualmente vende-se juventude em revistas, sites e até mesmo em academias ou farmácias. Ser considerado velho está relacionado diretamente com a

aparência física, já que o ideal de beleza está cada vez mais rigoroso para a população em geral, sendo jovens ou adultos em suas diferentes idades. Valoriza-se a atividade e a produção na sociedade capitalista do mundo globalizado. Logo, é também valorizado aquele que produz e que é jovem, pelo menos subjetivamente.

A relação entre as bruxas e a velhice destaca a representação do papel antagônico que ambas exercem na sociedade. Ser velho é um estado que precede a morte, o indivíduo se vê e é visto a partir da concepção dos valores culturais atuais como um ser feio, enrugado, imprestável e rancoroso. Ser velho é algo ruim, excludente.

Com as análises, foi possível perceber que a imagem da velhice sempre foi estereotipada e estigmatizada. Conclui-se que a personagem bruxa é, há muito, representada como ser praticante e desejoso do mal, enquanto que fisicamente se apresenta ao mundo com o aspecto físico velho.

Considerações Finais – A “maldade” da velhice

Por fim, levanta-se a hipótese de que a segregação sofrida pela população idosa esteja relacionada não apenas às demandas do mundo contemporâneo, mas também há algo muito mais primordial presente no homem: o medo à sua própria finitude. A morte ainda é, por muitas vezes, tratada como um tema carregado de tabus, sendo reservada, apenas, aos outros.

Pensar na própria morte não é algo comum. Porém, viver significa envelhecer, que, por sua vez, é um processo que nos leva à velhice, estágio mais próximo ao fim da vida.

Dessa forma, as características físicas atribuídas às pessoas de idade avançada podem ser tomadas como “imagens vilãs” para o ser humano, já que remetem ao final da experiência que é a vida, sendo elas apenas reforçadas pelos padrões estipulados pela sociedade atual. Assim, nesse caso, pensar na morte é também abominar o que está mais próximo dela, ou seja, ser velho é também ser o vilão de si mesmo.

Referências

ALMEIDA, F.A.; CANETE, M.C.V.; BOMTEMPO, E. O papel da bruxa no imaginário infantil. *Boletim de Psicologia*, v. 5, n. 122, p. 101-119, 2005.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, Ed. Standard Brasileira das Obras Completas, 1974.

JACOBY, S. A bruxa no imaginário infantil: a última bruxa de Josué Guimarães. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 86-91, out./dez. 2009.

MACHADO, A.M. *CONTOS DE FADAS*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe*. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: ALEPH, 1993.

NERI, A.L. *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

Data de recebimento: 22/06/2015; Data de aceite: 22/06/2015.

Fernanda Vilalba Conceição – Aluna do curso de graduação de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica – PUCSP, 5º semestre. E-mail: vilalba.f@gmail.com

Ruth Gelehrter da Costa Lopes – Supervisora Atendimento Psicoterapêutico à Terceira Fase da Vida. Profa. Dra. Programa Estudos Pós Graduados em Gerontologia e no Curso de Psicologia, FACHS. E-mail: ruthgclopes@pucsp.br